

SOARES, Idayane Gonçalves. “Relações intersubjetivas e processo de individualidade nas cidades: percorrendo alguns caminhos”. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 19, n. 55, pp. 151-160, abril de 2020 ISSN 1676-8965

ARTIGO

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

Relações intersubjetivas e processo de individualidade nas cidades: percorrendo alguns caminhos*

Idayane Gonçalves Soares

Recebido: 01.01.2020

Aceito: 20.03.2020

Resumo: Este trabalho busca, a partir da revisão bibliográfica de autores como Georg Simmel, Louis Wirth, Robert Ezra Park, Gilberto Velho e Mauro Guilherme Pinheiro Koury, compreender as transformações ocorridas nas relações intersubjetivas e no processo de individualidade inscritas na vida urbana moderna e mais especificamente nas cidades brasileiras e a importância e atualidade dos primeiros estudos antropológicos e sociológicos do urbano na contemporaneidade.

Palavras-chave: individualidade, cidade, intersubjetividade, Georg Simmel, Escola de Chicago, GREM.

Abstract: Based on the bibliographic review of authors such as Georg Simmel, Louis Wirth, Robert Ezra Park, Gilberto Velho and Mauro Guilherme Pinheiro Koury, this work seeks to understand the transformations that took place in intersubjective relationships and in the individuality process inscribed in modern urban life and more specifically in Brazilian cities and the importance and timeliness of the first anthropological and sociological studies of the urban in contemporary times. **Keywords:** individuality, city, intersubjectivity, Georg Simmel, Chicago School, GREM.

Introdução

Os trabalhos sociológicos e antropológicos que tomam a cidade e a realidade urbana enquanto locus de pesquisa surgem no final do século XIX e início do século XX, produtos da complexidade que perpassavam as transformações em quase todas as fases da vida social trazidas pela urbanização do mundo (WIRTH, 1973). Georg Simmel (1973; 1998) foi um dos primeiros a teorizar sobre o impacto da vida moderna na transformação da subjetividade dos indivíduos nas grandes cidades e como estas influenciam em sua vida mental, bem como os integrantes da Escola de Chicago, fortemente influenciado pela sua perspectiva teórica.

Os pesquisadores de Chicago construíram posteriormente uma teoria sociopsicológica do urbanismo que aborda o modo de vida e de relações intersubjetivas nas metrópoles a partir da ótica da impessoalidade e da racionalidade (PARK, 1973; WIRTH, 1973). Esses teóricos procuraram apresentar a cidade em seu mosaico de mundos sociais e nas modificações que

*Este artigo é baseado no capítulo 1 do meu Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Sociais – Bacharelado, na Universidade Federal da Paraíba, intitulado “Individualismo Moderno e Sofrimento Psíquico: Uma análise da comunidade virtual dos *Neuróticos Anônimos*”, no período 2019.2.

operaram sobre o caráter das relações sociais, tendo como contexto geográfico e social a cidade de Chicago das primeiras décadas de XX e no caso de Simmel, a Berlim do fim do século XIX.

No Brasil, por sua vez, autores como Gilberto Velho na década 1970 e Mauro Guilherme Pinheiro Koury, alguns anos depois, se debruçaram nos escritos realizados por esses teóricos e fortemente influenciados por suas perspectivas, produziram estudos que colocam as relações intersubjetivas cidadinas neste quadro de racionalidade e individualismo, embora com coloridos próprios derivados dos achados de suas pesquisas.

Assim, neste artigo, iremos adentrar nos trabalhos desses teóricos sobre o urbano, com foco nas relações intersubjetivas e no processo de individualidade nas cidades, no intento de compreender tanto as transformações inscritas na vida urbana moderna quanto a importância e atualidade dos estudos de Georg Simmel e dos pesquisadores da Escola de Chicago, bem como de pioneiros no Brasil como Gilberto Velho e Mauro Guilherme Pinheiro Koury, que desenvolveram e transformaram esses estudos em solo brasileiro.

O processo de individualidade nas cidades: um passeio pelos trabalhos e conceitos de Georg Simmel e de Louis Wirth e Robert Ezra Park.

"Como todas as cidades grandes, era feita de irregularidade, mudança, avanço, passo desigual, choque de coisas e acontecimentos, e, no meio disso tudo, pontos de silêncio, sem fundo; era feita de caminhos e descaminhos, de um grande pulsar rítmico e do eterno desencontro e dissonância de todos os ritmos..." (MUSIL, 1989, p. 9).

A realidade urbana repleta de suas mudanças, passos desiguais, choque de coisas e acontecimentos frenéticos e de desencontros, constitui o *lócus* específico da liberdade individual de que fala Simmel, o local suposto de independência dos fatores objetivos, onde a personalidade pode oscilar e flutuar através de uma multiplicidade de situações heterogêneas da vida, sendo na interação entre os indivíduos que ela se manifesta e compõe "o que ele chamou de cultura subjetiva em uma realidade urbana" (KOURY, 2010, p. 41). Esta, por sua vez, "permite o aumento da diferenciação entre cada um deles e nos grupos e arranjos sociais por eles organizados, complexificando a relação e a vida na cidade" (KOURY, 2010, p. 41).

De acordo com Simmel (1998), todo o estilo de vida de uma comunidade depende da relação entre a cultura tornada objetiva, ou seja, o produto já condensado do agenciamento entre os indivíduos e a cultura dos sujeitos. Na sociedade moderna, as duas encontram-se cada vez mais separadas e apenas uma parte dos valores culturais objetivos torna-se cultura subjetiva, isso quer dizer que o estoque gigantesco e sempre crescente daquela provisão de trabalho da espécie já acumulada é inapreensível em sua totalidade, dado que a divisão do trabalho efetua uma cisão cada vez maior entre ambas e urge do indivíduo um aperfeiçoamento cada vez mais unilateral em que ele apreende apenas uma parcela diminuta do todo.

A época moderna foi responsável por possibilitar, por um lado, maior autonomia para a personalidade, dando a ela uma liberdade de movimentos incomensurável e conferir, por outro, um caráter objetivado aos conteúdos práticos de vida (SIMMEL, 1998, p. 23). É essa relação tensa que – a depender da sua harmonização – pode desembocar no que Simmel chamou de tragédia da cultura, que consistiria no sufocamento da cultura subjetiva – que seriam as trocas interacionais entre os indivíduos e repletas de ações criadoras – pela cultura objetiva, o produto já condensado do agenciamento entre os indivíduos, mediado pelo dinheiro como o equivalente geral das relações que realizaria um esmagamento

uniformizador. O dinheiro, na sociedade capitalista, segundo o mesmo autor, tende a esmagar toda qualidade e individualidade à questão: “quanto?” (SIMMEL, 1973). Assim, se as relações emocionais íntimas entre as pessoas são instituídas em sua individualidade que seria o fundamento da criação social,

o choque gerado na relação entre as individualidades e suas diferenciações e o individualismo, este último associado ao empobrecimento da cultura subjetiva e ao consumismo, tendo o dinheiro como equivalente único de sua expressão, dilui as expressões da liberdade em uma guerra por ter (KOURY, 2010, p. 44).

A liberdade individual estaria subsumida aos imponderáveis da economia monetária que tornou a mente moderna cada vez mais calculista em todas as esferas da vida social. Assim, o que provoca um forte individualismo na perspectiva de Simmel é uma forma específica de relacionamento entre os indivíduos “que implica anonimidade e desinteresse pela individualidade do outro” (SIMMEL, 1998, p. 28) sob a ingerência mercantil. O dinheiro como meio torna-se um fim satisfatório em si mesmo e passamos, então, a morar numa ponte que parece concentrar tudo que é desejável. Com o dinheiro como o *deus ex machina na cultura objetiva contemporânea* que nivela a tudo e a todos, sendo contrário à cultura subjetiva e a liberdade individual (KOURY, 2010), cresce continuamente a motivação do homem moderno para a ação desenfreada e “disto vêm a inquietude, a febre, a falta de pausas na vida moderna, vida propulsionada pelo motor desenfreado do dinheiro que torna a máquina da vida um *perpetuum mobile*” (SIMMEL, 1998, p. 35).

Assim, o ódio de homens como Nietzsche pela metrópole e a economia do dinheiro (SIMMEL, 1973), torna-se compreensível, nestes termos, como colocava este filósofo, “amigo do lento”, sobre a intranquilidade moderna e as pessoas que “pensam com o relógio na mão” imerso na pressa vertiginosa de nossa época rodopiante e que são esmagados por suas rodas: “Por falta de tranquilidade, nossa civilização se transforma numa nova barbárie. Em nenhum outro tempo os ativos, isto é, os intranquilos, valeram tanto” (NIETZSCHE, 2002, p. 232).

A cidade aparece, assim, enquanto via de mão dupla, “lócus privilegiado das diferenciações e da liberdade possível rumo à individualidade” (KOURY, 2010, p. 50) e também como a sede do individualismo consumista, da alienação e pressa, posto que “tempo é dinheiro”. Entretanto, diferente da concepção do materialismo histórico elaborado por Karl Marx que compreende a cultura (superestrutura) fundamentalmente a partir das condições econômicas (infraestrutura), Simmel (1998) explica que estas possuem sim uma influência incisiva na situação psíquica e cultural de uma época, mas não a determinam, pois há de outro lado a força das grandes correntes da vida histórica.

Em síntese, na sociedade moderna capitalista, ao passo que o indivíduo se encontra alicerçado em uma individualidade crescentemente complexificada que estimula sua criatividade, autonomia e liberdade para circular e estabelecer interações e relações afetivas as mais diversas, que antes se restringiam no espaço e no tempo, também é levado a abrir mão desta “... em troca de um individualismo consumista e a uma solidão cada vez maior” (KOURY, 2010, p. 47). Solidão a sós, a dois ou na multidão metropolitana, talvez em lugar algum a pessoa se sinta tão solitária e desamparada quanto nesta última. Ao mesmo tempo, ela torna-se quase um imperativo temporário no ir e vir cidadão, como um resguardo do indivíduo da quantidade de estímulos que vivencia diariamente a cada passo e passar de olhos pela cidade e sua não aceitação um tipo de recusa do modo de vida moderno¹. Edgar Allan

¹ Como murmura o protagonista de *O homem da multidão* de Poe (2008, p. 267) “Esse velho – disse comigo, por fim – é o tipo e o gênio do crime profundo. Recusa-se a estar só. É o homem da multidão.”

Poe (2008, p. 259) retrata bem literariamente esse movimento nas cidades em uma de suas passagens de *O homem da multidão*:

Muitos dos passantes tinham um aspecto prazerosamente comercial e pareciam pensar apenas em abrir caminho através da turba. Traziam as sobranceiras vincadas e seus olhos moviam-se rapidamente; quando davam algum encontrão em outro passante, não mostravam sinais de impaciência; recompunham-se e continuavam, apressados o seu caminho. Outros, formando numerosa classe, eram de movimentos irrequietos; tinham o rosto enrubescido e resmungavam e gesticulavam consigo mesmos, como se sentissem solitários em razão da própria densidade da multidão que os rodeava.

O *homo solitarius* da modernidade, como elucida Castro (2001), íntimo do individualismo, habita uma metrópole e sua solidão permeia sua vivência cotidiana. Diferente da solidão dos anacoretas e eremitas ou dos misantropos, ou de tipos laicos distantes da experiência moderna como os que envolvia um distanciamento e deslocamento espacial, uma evasão medieval para a floresta, repleta de perigos (CASTRO, 2001) ... O solitário moderno está envolto por uma novidade histórica e sociológica, ele vive na cidade, está permeado de códigos individualistas de intersubjetividade e autopercepção e anda pela multidão. Como elucida Castro (2001, p. 7) a solidão moderna só pôde desenvolver-se plenamente com o individualismo², não estando mais restrito a espaços ou a tempos determinados, ela adentrou a vida cotidiana dos indivíduos e tornou-se *um dado constitutivo e recorrente da vida de todos nós* sob a forma de uma epidemia e de problema contemporâneo em sua forma crônica.

O estar socialmente isolado, embora esteja rodeado de indivíduos, pode trazer uma certa incompreensão em torno da relação entre indivíduo e sociedade, e sofrimentos psíquicos os mais diversos. Ao passo que a vida em uma multidão citadina, exige por um lado, uma redução dos contatos, sob a forma de uma reserva e autopreservação.

Simmel, no seu brilhante ensaio *A metrópole e a vida mental*, escrito no começo do século XX, aponta como essa modernidade, com suas rápidas mudanças e sua noção de movimento e velocidade, influencia diretamente no plano emotivo. O autor, ao se debruçar sobre o impacto da vida moderna na transformação da subjetividade dos indivíduos das grandes cidades, suscita que a intensificação dos estímulos nervosos é o fundamento psicológico sobre o qual se eleva o indivíduo metropolitano. A rapidez dos estímulos e das mudanças e as descontinuidades contidas nas apreensões diárias com uma ligeira vista de olhos, a cada atravessar de rua, são as condições psicológicas que a metrópole cria e que forçam reações tão agressivas, “estirando os nervos tão brutalmente em uma e outra direção” (SIMMEL, 1973, p. 16) que as reservas dos indivíduos são gastas nesse estilo de vida e desponta a incapacidade de reagir a novas sensações com a “energia” adequada. Emerge, assim, um fenômeno psíquico denominado como o caráter blasé: o resultado desse turbilhão de estímulos que circundam o cidadão, consistindo em uma atitude de indiferença, autopreservação, racionalidade, reserva e intensificação da intelectualidade que protege a vida subjetiva deste homem moderno contra o poder avassalador da vida metropolitana (SIMMEL, 1973).

Louis Wirth, teórico dos estudos urbanos norte-americanos, com forte influência simmeliana, aproxima-se também, com o seu artigo *O urbanismo como modo de vida*, de uma teoria sociopsicológica do urbanismo. Ele analisa que a urbanização do mundo trouxe profundas transformações em quase todas as fases da vida social e que para se compreender

² Para compreender como se deu a configuração do(s) individualismo(s) na sociedade moderna e sua relação com a autopercepção dos indivíduos, a partir de teóricos como Georg Simmel, Richard Sennett, entre outros, ver o artigo “A configuração do(s) individualismo(s) na sociedade moderna e sua relação com a autopercepção dos indivíduos: algumas notas para reflexão”.

alguns dos problemas contemporâneos primordiais deve-se examinar essa questão. Para fins sociológicos, Wirth (1967, p. 104) define a cidade "... como um núcleo relativamente grande, denso e permanente, de indivíduos socialmente heterogêneos". Essas proposições envolvem uma mudança no caráter das relações sociais no sentido de que os indivíduos passariam a manter relações menos intensivas, podendo ser face a face, mas consistindo em contatos mais superficiais, impessoais, transitórios e segmentados, sendo a reserva e a indiferença encarados possivelmente como instrumentos para resguardo dos habitantes da cidade, dado o intenso estímulo e contato diário com um agregado populacional de grandes proporções (WIRTH, 1967).

Nesse sentido, a densidade populacional tenderia a produzir diferenciação, especialização e a interdependência mútua entre os indivíduos, a divisão do trabalho e a especialização das ocupações estariam associados com o equilíbrio instável da vida urbana resultando na complexificação da estrutura social. No âmbito subjetivo, assim como coloca Simmel, os contatos físicos, no sentido do encontro cotidiano com o outro ou com outros, se estreitam, porém, os contatos sociais são distantes, amplia-se a "distância social" e a vida, assim, em contraste entre proximidade física e distância social, de indivíduos com uma visão racional de suas interações, desprovidos de laços sentimentais ou emocionais, apresenta seu reverso na solidão e no perigo da concorrência e exploração mútua porque atrelados de maneira substancial à base econômica da cidade (WIRTH, 1967).

O necessário movimento frequente de um grande número de indivíduos num habitat congestionado ocasiona atrito e irritação. As tensões nervosas que derivam dessas frustrações são acentuadas pelo ritmo acelerado e pela complicada tecnologia sob os quais a vida em áreas densas tem de ser vivida (WIRTH, 1967, p. 103).

A heterogeneidade populacional estaria associada à maior mobilidade e tenderia a produzir instabilidade como norma geral e a quebrar estruturas sociais mais rígidas, bem como os indivíduos, para tornarem-se eficazes e atingirem fins determinados, tenderiam a ser tornar membros de grupos bastante divergentes que funcionam com referência apenas a um segmento da sua personalidade, com liberdade de circulação e substituição rápida de seus membros, dada o caráter flutuante das adesões dos indivíduos. Estes também só estão de passagem nos locais que moram, o que não gera tradições e sentimentos de união (WIRTH, 1967). O indivíduo urbano, assim, é aquele que flutua nos mais variados aspectos de sua vida, o modo de vida urbano consistiria numa

...substituição de contatos primários por secundários, no enfraquecimento dos laços de parentesco e no declínio do significado social da família, no desaparecimento da vizinhança e na corrosão da base tradicional da solidariedade social (WIRTH, 1967, p. 108).

Ou seja, se visualiza as duas faces da vida na cidade; enquanto, por um lado, o indivíduo perde em senso de participação comunitária; moral e em vínculos duradouros, por outro, ganha em grau de autonomia, liberdades individuais e desprendimento de controles pessoais e emocionais de grupos íntimos. Embora os laços de associação humana tenham sido enfraquecidos e adotados feições instrumentalizadas, as redes de interdependência entre os indivíduos se tornam maiores e mais complexas e envolvem uma forma mais frágil e volátil de interrelações mútuas que escapa ao seu controle (WIRTH, 1967). Parafraseando Wirth, este indivíduo urbano estará também submetido a um processo de despersonalização associado em parte à base econômica da cidade, o nexos pecuniário que deslocou as relações pessoais como base de associação e às exigências da comunidade maior, pois a sua participação na vida política, social e econômica no meio urbano implica subordinar um pouco de sua individualidade.

Wirth atenta, assim, para as modificações no caráter das relações sociais, a supressão dos vínculos comunitários e a emergência da impessoalidade e a superficialidade como mecanismo de defesa. O que ao mesmo tempo se apresenta como liberdade e emancipação proporcionada pela racionalidade, implica também na fragilidade dos laços (ANTUNES, 2014) e em um estado de anomia como aludido por Durkheim ao discutir as diversas formas de desorganização em sociedade tecnológica (WIRTH, 1967). Para o autor também é importante salientar que o rural será permeado pelo urbanismo, conforme é influenciado pelas cidades através de contato e comunicação, pois ele está presente onde quer que cheguem as influências citadinas, sendo um modo de vida que não está inextricavelmente restrito a limites físicos (WIRTH, 1967).

Robert Ezra Park, por sua vez, americano que configurou a Escola de Chicago de Sociologia junto a Wirth, ao propor *sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*, também abordará as relações presentes na cidade a partir da ótica da impessoalidade e da racionalidade, indicando a dubiedade da “mobilização do homem individual”, dado que o transporte e a comunicação multiplicaram as oportunidades deste quanto ao contato e associação com outros indivíduos, mas tornaram esses contatos e associações mais transitórios, instáveis e fortuitos. Além destes, a segregação da população também estabelece “distâncias morais” que fazem da cidade um mosaico de diferentes mundos sociais nos quais um indivíduo transita de maneira abrupta de um para o outro, ou nem transita, eles na verdade se tocam, mas não se interpenetram (PARK, 1967, p. 61).

A disposição do meio urbano de intensificar todos os efeitos de crise, – no sentido de qualquer distúrbio de hábito e não num sentido propriamente violento, – envolveria, desse modo, *três possíveis mudanças: maior adaptação, eficiência reduzida ou morte* (PARK, 1967, p. 49). O que “significa no homem estímulo mental e maior discernimento ou, no caso do fracasso, depressão mental” (PARK, 1967, p.49). O autor também proporá questões relevantes como guia para futuras pesquisas, algumas delas relacionadas ao caráter mental dos indivíduos e os efeitos dos estímulos, da mobilidade e do isolamento nos diferentes tipos mentais citadinos, que são bastante profícuas para a discussão que se tem travado sobre uma certa teoria sociopsicológica do urbanismo.³

Em geral, os integrantes da Escola de Chicago⁴ estavam preocupados com uma cidade que crescia problemáticamente e se transformava de maneira vertiginosa, aumentando em um período curto sua densidade populacional, heterogeneidade (em termos étnicos, econômicos e culturais) e tamanho, tornando-se em poucas décadas uma metrópole complexa. A questão incidia desse modo sobre a necessidade de se compor um arcabouço teórico e empírico⁵ que pudesse compreender o acelerado crescimento das cidades, a dinâmica dos habitantes e suas relações com as mesmas, bastante contrastante com as aldeias e pequenas comunidades (VELHO, 2000) e também as mudanças intersubjetivas ocasionadas nesse processo.

O velho ditado popular alemão dizia que “o ar da cidade liberta os homens” (*Stadtluft macht frei*)! Como foi possível notar, os teóricos parecem acentuar a premissa contida nesse adágio, apresentando a possibilidade de liberdade individual e de desenvolvimento de individualidades pelo meio urbano ao passo que também nos apresentam os seus reversos.

³ Robert Farisson e Warren Danum, também da Escola de Chicago, estudaram a incidência e a localização da doença mental na cidade. Mostrando em sua pesquisa que havia um grande número de doentes mentais em determinadas áreas da cidade (BECKER, 1996, p. 182) Outra vertente explorada em Chicago foi a de psicologia social com George Herbert Mead, cujo interesse recaía sobre a relação entre a mente, o self e a sociedade. (BECKER, 1996, p. 183) Em outra geração, a do próprio Becker, temos Erving Goffman cuja análise incidiu sobre o significado das interações sociais, estudando o self e sua apresentação na vida cotidiana.

⁴ Fortemente influenciados por Georg Simmel e se constituindo quase como uma espécie de perspectiva, modo de pensar (BECKER, 1996)

⁵ Ressalta-se aqui a preocupação e o ecletismo metodológico desta escola que não era puramente quantitativa ou qualitativa, mas bastante diversificada de acordo com o objeto.

Esses autores, assim, procuraram ver no urbano um local de ampliação das liberdades individuais e diferenciações e ao mesmo tempo um ponto de choque destas “... no interior das instituições já cristalizadas, gerando, de um lado, rupturas e de outro, coerções e disciplinamento” (KOURY, 2010, p. 45). Os seus escritos, mesmo concebidos no século passado e com todas as suas limitações⁶, fornecem elementos importantes para se pensar os modos de vida e as relações intersubjetivas nas cidades contemporaneamente.

Mas, para explicar de que forma e até que ponto, essas transformações se fizeram em solo tropical e como essas teorias européias e norte-americanas podem auxiliar em sua compreensão, torna-se peremptório trazer intérpretes brasileiros e realizar algo parecido com a *redução sociológica* de que nos falou Guerreiro Ramos, ou seja, de assimilar o conhecimento sociológico [e antropológico, filosófico] estrangeiro levando-se em consideração as especificidades de nossa sociedade brasileira, não adotando-os *tout court*, como receitas de bolo, mas a partir do pensamento crítico do/a cientista social de acordo com a realidade em questão (OLIVEIRA, 1995).

Assim, trazer esse tema para as cidades brasileiras implica compreender três movimentos interconectados: a expansão do capitalismo, das cidades e do individualismo no Brasil, colocando em foco a sua influência direta nas relações intersubjetivas.

O individualismo como modo de vida nas cidades brasileiras

No Brasil, os problemas das cidades em expansão aparecem juntamente à dimensão subdesenvolvida do país, onde a estrutura urbana revela e reproduz as desigualdades no que concerne a distribuição do poder na sociedade (RIBERO; JUNIOR, 2003). O individualismo, por sua vez, mostra o seu lado mais predador associado basicamente ao tipo de capitalismo que se desenvolve no país, pouco sensível aos problemas sociais e voltado vorazmente para o lucro, fazendo jus ao lema “depois de mim, o dilúvio!” (*Après moi, le déluge*). O processo de urbanização acelerado traz consequências que não obtém respostas efetivas do poder público. As ideologias individualistas que poderiam pender para um caráter criativo e libertador não produziram aqui um lugar para negociação das diferenças e uma liberdade para fluir por entre as cidades, estas aparecem enquanto lócus onde o conflito assume proporções assustadoras (VELHO, 2000) e onde emerge uma arquitetura da violência⁷ e uma transmutação nas relações sociais e na própria imagem de si dos indivíduos com consequências presumivelmente nocivas para eles.

Lia Zanotta Machado (2001) destaca essa transmutação dos vínculos sociais salientando uma duplicidade nas próprias relações familiares que estavam calcadas em relações hierárquicas baseadas no código da honra, e que passa a vigor também a partir do código individualista cada vez mais presente nas mesmas, algo que Velho já destacava como dualidade estruturante da realidade brasileira com os sistemas individualistas e hierárquicos se interpenetrando. Desse modo, segundo a antropóloga, a fraca generalização das condições cidadãs no Brasil e as situações econômicas desfavoráveis podem fazer emergir o “pior dos dois mundos”, com o individualismo assumindo “... não o princípio da igualdade individual de direitos e deveres, mas o da universalidade do anonimato, da indiferença e da dessensibilização” (MACHADO, 2001, p. 24).

E, de fato, foi o que emergiu e remete a uma mudança que se opera na década de 1970 que acompanha o processo de modernização da sociedade brasileira. Os trabalhos de Gilberto Velho (1986; 1987; 1994; 2000) são importantes nesse sentido já que foi um precursor no estudo antropológico do urbano brasileiro e um dos nomes fundamentais na área da antropologia das emoções, com um conjunto de obras que procuram compreender os cidadãos de classe média a partir da ótica individualista – de um individualismo crescente nas

⁶ Ver Ulf Hannerz (2015).

⁷ Remodelações espaciais decorrentes da “cultura do medo” emergente na sociedade contemporânea.

camadas médias urbanas, através de seus projetos individuais e de sua crescente psicologização do social (KOURY, 2015).

Alguns anos depois, os trabalhos de Mauro Guilherme Pinheiro Koury, dentro do GREM, Grupo de pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções, que tem como um de seus objetivos o estudo da emergência da individualidade e do individualismo no Brasil urbano contemporâneo, e, mesmo antes dessa base de pesquisa, expande e consolida a área da antropologia e sociologia das emoções e dá um salto nos estudos em torno da cultura emocional dos cidadãos de classe média, e também das camadas populares.

Em seu grande conjunto de trabalhos direcionados ao estudo do Brasil urbano sob a ótica do luto, Koury (1994; 2001; 2003; 2005) aborda a emergência de uma nova sensibilidade que começa a se formar e tornar-se mais nítida nas últimas três décadas. Buscando perscrutar e compreender as atitudes desenvolvidas em relação ao luto na sociabilidade brasileira urbana contemporânea – tendo como universo de pesquisa a classe média brasileira – e as transformações subjetivas nos costumes e rituais da morte e do morrer, parte da hipótese de que essa nova sensibilidade que parece emergir e solapar as antigas práticas relacionadas ao luto – os processos desindividualizadores e sua vivência no espaço público – advém da modernização das relações sociais, do individualismo característico da vida urbana, corroborada após os achados da pesquisa.

Subjetividade caracterizada pela emergente internalização do sofrimento, o impedimento de sua expressão que se vê mesclada por uma condenação da dor em público e o seu recolhimento, economia emocional, privatização das emoções, divisão latente entre o público e o privado, distanciamento, indiferença e racionalidade (KOURY, 2001; 2003; 2005), elementos presentes na discussão simmeliana e da Escola de Chicago. Assim, as relações intersubjetivas não mais refletiriam uma sociabilidade relacional como aludida por DaMatta, mas sim códigos mais individualistas na sua dimensão mercantil (KOURY, 2018).

Em outro conjunto de pesquisas sobre os *Medos* e os *Medos Corriqueiros* levado a cabo e também orientado pelo antropólogo no interior do GREM, que tinha como hipótese central o medo como uma construção social significativa que, além de criar uma nova esfera de investigação no grupo, aprofunda temas já discutidos no interior dele, como o impacto da modernidade na formação identitária do indivíduo das grandes cidades, tendo como palco a cidade de João Pessoa, Paraíba.

Confrontando os dados empíricos desse trabalho voltado à discussão das formas de sociabilidade presentes neste lócus, sob a ótica do medo, o antropólogo apreende em sua pesquisa, respostas recorrentes em torno da percepção do medo enquanto falta de segurança pessoal, familiar e falta de confiança em si ou receio. O medo aparece enquanto medo da violência cotidiana, da instabilidade futura, da solidão... Denotando medos característicos a uma sociabilidade cada vez mais racionalizada, impessoal e moderna e uma cultura emotiva específica que emerge como produto das transformações advindas da modernidade, caracterizada pelo esgarçamento dos laços, fragmentação das relações sociais, fechamento ao outro etc. (KOURY, 2008).

Desse modo, os dois grandes conjuntos de pesquisas realizadas no interior do GREM apresentam os contornos assumidos pela individualidade contemporânea em solo brasileiro no âmbito das relações intersubjetivas, fortemente influenciadas pelas perspectivas simmeliana e dos interacionistas simbólicos, embora com coloridos próprios derivados dos achados da pesquisa e do exercício anteriormente aludido de importação crítica de teorias estrangeiras sob o crivo criativo e comprometido do/s pesquisador/es.

Conclusão

Este artigo procurou percorrer alguns trabalhos sociológicos e antropológicos que tomam a cidade e a realidade urbana enquanto lócus de pesquisa, com foco nas relações

intersubjetivas e no processo de individualidade. A partir de conceitos como os de cultura objetiva e cultura subjetiva, caráter blasé, individualismo, entre outros, foi possível perceber a cultura urbana em suas ambiguidades e pontos de choque, pois, enquanto, por um lado, o indivíduo citadino teria perdido, em certo grau, o senso de participação comunitária, moral e em vínculos duradouros, por outro, teria ganhado em grau de autonomia, liberdades individuais e desprendimento de controles pessoais e emocionais de grupos íntimos (WIRTH, 1973).

No Brasil, essa dualidade assume proporções desarmoniosas, posto que as cidades configuram o lócus onde o conflito assume proporções assustadoras associado em parte ao tipo de capitalismo que se desenvolve no país (VELHO, 2000), pouco sensível aos problemas sociais e voltado vorazmente para o lucro. Emergindo, assim, uma realidade urbana calcada numa dualidade estruturante com os sistemas individualistas e hierárquicos se interpenetrando (VELHO, 2000), dado a fraca generalização das condições cidadãs no país e as situações econômicas desfavoráveis, com o individualismo assumindo "... não o princípio da igualdade individual de direitos e deveres, mas o da universalidade do anonimato, da indiferença e da dessensibilização" (MACHADO, 2001, p. 24).

Destarte, a partir da revisão bibliográfica de autores como Georg Simmel, Louis Wirth, Robert Ezra Park, Gilberto Velho e Mauro Guilherme Pinheiro Koury, foi possível compreender as transformações inscritas na vida urbana moderna e mais especificamente nas cidades brasileiras e a importância e atualidade dos primeiros estudos antropológicos e sociológicos do urbano na contemporaneidade.

Referências

- ANTUNES, Henrique Fernandes. O modo de vida urbano: pensando as metrópoles a partir das obras de Georg Simmel e Louis Wirth. **Ponto Urbe**, 15, 2014.
- BECKER, Howard. Conferência: A Escola de Chicago. **Mana**, Rio de Janeiro, n.2, v.2, pp.177-188, outubro de 1996.
- CASTRO, Celso. Homo solitarius: notas sobre a gênese da solidão moderna. **Interseções**. Revista de Estudos Interdisciplinares, v. 3, nº 1, p. 79-90, jan./jun, 2001.
- GIDDENS, Anthony. **Capitalismo e moderna teoria social**. Lisboa: Editorial Presença, 2005.
- HANNERZ, Ulf. **Explorando a cidade**: em busca de uma antropologia urbana. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Gilberto Velho: um precursor da antropologia das emoções no Brasil (pp. 19-59). In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro; BARBOSA, Raoni Borges. **Da Subjetividade às Emoções**: a antropologia e a sociologia das emoções no Brasil. [Coleção Cadernos do GREM, n. 7] Recife: Edições Bagaço, João Pessoa: Edições do GREM, 2015.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Sobre Erving Goffman e a análise do fracasso em 'The Presentation of Self in Everyday Life'. **Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 12, n. 3, pp. 525-540, 2019.
- KOURY, Mauro. Estilos de vida e individualidade. **Horizontes Antropológicos**, a. 16, n. 33, pp. 41-53, 2010.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **De que João Pessoa tem Medo?** Uma abordagem em Antropologia das Emoções. [Coleção Cadernos do GREM, n. 6] João Pessoa, Editora Universitária, 2008.

- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **O vínculo ritual**: Um estudo sobre sociabilidade entre jovens no urbano brasileiro contemporâneo. Editora Universitária, UFPB. Edições do GREM, João Pessoa, 2006.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Amor e dor**: ensaios em antropologia simbólica. Recife: Edições Bagaço, 2005.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Sociologia da emoção**. O Brasil urbano sob a ótica do luto. Petrópolis: Vozes, 2003.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Medos Corriqueiros**: A construção social da semelhança e da dessemelhança entre os habitantes urbanos das cidades brasileiras na contemporaneidade. Projeto de Pesquisa, GREM: João Pessoa, 2002.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Ser discreto**. Um estudo do Brasil urbano sob a ótica do luto. João Pessoa: GREM/UFPB, 2001.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Luto e Sociedade**. Projeto de Pesquisa. João Pessoa: GREM/UFPB, 1994.
- MACHADO, Lia Zanotta. Famílias e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil. **Interface (Botucatu)**, v. 5, n. 8, pp. 11-26, 2001.
- MUSIL, Robert. **O homem sem qualidades**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1989.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano** (tr. Paulo César Souza). São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. **A sociologia do Guerreiro**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.
- PARK, Robert. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: Otávio Velho. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.
- POE, Edgar Allan. **Histórias extraordinárias**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz; JUNIOR, Orlando Alves dos Santos. Democracia e segregação urbana: reflexões sobre a relação entre cidade e cidadania na sociedade brasileira. **Revista Eure**, v. XXIX, n. 88, pp. 79-95, 2003.
- SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna. In: Jessé de Souza e Berthold Oelze (Org). **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora UnB, 1998.
- SIMMEL, Georg. A divisão do trabalho como causa da diferenciação da cultura subjetiva e objetiva. In: Jessé de Souza e Berthold Oelze (Org). **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora UnB, 1998.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: Otávio Velho. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Edita Zahar Editores, 1973.
- WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: Otávio Velho. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Edita Zahar Editores, 1967.